



## **CONSTRUÇÃO DO FEMINISMO: uma reflexão sobre as 4 mulheres que foram à luta e marcaram a história do movimento no Brasil<sup>1</sup>**

ALLEGRETTI, Laura Seerig<sup>2</sup>; OLIVEIRA, Mariana Mello<sup>3</sup>; SOUTO, Raquel Buzatti<sup>4</sup>

**Palavras-Chave:** Feminismo. Mulheres. Luta. Conquistas. História.

*“Ainda há o (não) direito ao aborto. Há ainda a violência que mata oito mulheres ao dia. Há ainda o estupro que acontece a cada 11 minutos em nosso país [...]. Há os 30% de diferença salarial, há os míseros 10% de assentos para mulheres no Congresso Nacional. Há essa injustiça dos homens que amamos e que nos escravizam, sim, a trabalhar o dobro em tarefas domésticas todos os dias. Há a violência obstétrica, os opressivos padrões de beleza. Há expectativa de vida de 35 anos para mulheres transsexuais. Há o racismo que leva as mulheres negras à base da pirâmide social em todos os levantamentos honestos”. (LUTE COMO UMA GAROTA).*

### **INTRODUÇÃO**

O caminho entre o direito das mulheres sempre esteve entrelaçado com a luta pela igualdade das minorias. Entre os anos 1500 e 1822, na época do Brasil Colônia, pouco foi conquistado, pois vivia-se uma cultura de desigualdade e patriarcado, que estava enraizada na sociedade. Nessa época, a luta das mulheres era centralizada em situações significativas à época, como o direito à vida política, educação, direito ao divórcio e livre acesso ao mercado de trabalho. Mas foi a partir da década de 60 que o movimento incorporou questões que necessitam de atenção e reforma até os dias atuais. Entre essas questões está o acesso a métodos contraceptivos, saúde preventiva, igualdade entre homens e mulheres, proteção contra a violência doméstica, equiparação salarial, apoio em casos de assédio, entre outros temas pertinentes à condição da mulher.

Para que o feminismo chegasse no Brasil, da forma como é conhecido hoje, muitas mulheres lutaram, sofreram e abriram caminhos para a conquista dos direitos que se tem hoje. Assim, este trabalho, abordará uma reflexão histórica de 4 mulheres brasileiras que foram à

<sup>1</sup> Esse trabalho faz parte das pesquisas realizadas no PIBIC 2018-2019 intitulado “A condição sociocultural da mulher e a Nova Lei do Femicídio”.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Direito da Universidade de Cruz Alta. Voluntária do projeto PIBIC “A Condição Sociocultural da Mulher e a nova lei do Femicídio”. E-mail: lauraseerig09@gmail.com.

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Direito da Universidade de Cruz Alta. Voluntária do projeto PIBIC “A Condição Sociocultural da Mulher e a nova lei do Femicídio”. E-mail: melo23mariana@gmail.com.

<sup>4</sup> Professora do Curso de Direito da UNICRUZ. Coordenadora do Núcleo de Práticas Jurídicas – NPJ. Líder do Grupo de Pesquisa Jurídica – GPJUR. Mestre em Desenvolvimento, Linha de Pesquisa, Direito, Cidadania e Desenvolvimento pela UNIJUÍ. Especialista em Direito Constitucional pela UNIFRA. Coordenadora



luta e ajudaram a construir a história do feminismo no Brasil. O sofrimento delas é o norte que nos inspira a ser como elas, e lutar por nossos espaços e nossos direitos. Somos herdeiras dessas mulheres e temos que continuar lutando, para que as próximas gerações tenham uma sociedade menos machista.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa será a bibliográfica, tendo como método de abordagem o dedutivo, uma vez que parte de questões gerais, tendo com referencial teórico a obra “Lute como uma Garota”, de Laura Barcella e Fernanda Lopes. Para o desenvolvimento do trabalho foi realizada, também, uma abordagem de pesquisa qualitativa permitindo-se assim recolher dados em diversos materiais, como publicações físicas e virtuais, nas quais foi possível encontrar um grande número de informações referentes à temática.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O movimento feminista no Brasil surgiu no século 19 com a luta pela educação feminina – que só foi reconhecida durante o Império – pelo direito ao voto e abolição dos escravos. No século XXI, o movimento feminista acompanhou as demandas do novo milênio e incluiu em sua agenda questões como a diversidade sexual, racial e o questionamento da maternidade como uma obrigação. Através das mídias sociais a nova geração de feministas encontrou uma plataforma para expor suas ideias. Nesse viés e indo ao encontro da proposta do presente trabalho de pesquisa, cabe nesse momento documentar a história de cinco brasileiras que foram à luta pelo direito das mulheres, quais são elas, Nísia Floresta (1810-1855), Francisca Senhorinha (final do século XIX), Maria da Penha (1945) e Clarice Lispector (1925-1977). Essa coleta de informações foi realizada pelo estudo crítico e exploratório da obra *Lute como uma Garota: 60 feministas que mudaram o mundo*”, de Laura Barcella e Fernanda Lopes.

Dionísia Gonçalves Pinto, a Nísia Floresta, foi escritora, tradutora e educadora feminista. Ela é considerada a primeira feminista brasileira e teve muita influência na construção

---

do PIBIC intitulado “A Condição Sociocultural da Mulher e a nova lei do Femicídio”. Advogada. E-mail: rsouto@unicruz.edu.br.



do feminismo no Brasil. Desde sua infância, Nísia não aceitava as amarras que a sociedade queria impor, então, resolveu tirar seu sustento dos princípios que acreditava. Nísia seguia a feminista britânica Mary Wollstonecraft e chegou a traduzir seus artigos a fim de mostrar às brasileiras que elas não precisavam ser o que suas famílias determinavam, e sim ser o que elas quisessem ser. Ela escreveu livros sobre a emancipação feminina, sobre a condição da mulher no Brasil e fundou um colégio para ensinar matérias que todas as mulheres – e também os homens – precisavam saber, como história, português e matemática. Dentre suas grandes realizações pode-se destacar: Nísia trocou seu próprio nome por outro, que acreditava representar melhor seus ideais; escreveu vários livros e artigos divulgando a ideia de que a mulher poderia se desenvolver sendo mais do que a sociedade lhe permitia e não tinha medo de trabalhar por uma sociedade mais justa, atuando até o fim da vida por direitos e condições melhores.

Francisca Senhora da Motta Diniz foi escritora, jornalista e educadora feminista e tem grande importância na imprensa feminista. Mesmo sendo viúva e com duas filhas para criar, Francisca mudou o rumo de sua vida. Ela era professora primária e abriu um colégio no interior de Minas Gerais e, em paralelo a isso, fundou seu próprio jornal, “Sexo Feminino”, onde falava abertamente sobre temas como a emancipação da mulher por meio da educação. Depois dela, várias mulheres se encorajaram a falar sobre esses temas, mas o trabalho dela em favor da libertação feminina e na divulgação dos ideais feministas foi de extremo valor para o movimento feminista brasileiro.

Maria da Penha Maia Fernandes é farmacêutica e líder na luta contra a violência doméstica. Após duas tentativas de homicídio e quase 20 anos sofrendo, Maria da Penha teve suas agressões reconhecidas por entidades internacionais, e em 2006 foi criada a Lei Maria da Penha – Lei nº 11.340/06. A Lei é considerada uma das melhores do mundo em combate à violência doméstica e já ajudou milhares de mulheres. Além disso, ampliou a conscientização de que não é apenas a agressão física que caracteriza um relacionamento abusivo. O aumento de denúncias e a criação de delegacias especializadas em atendimento às mulheres vítimas de violência também são consequência da luta de Maria de Penha. Ela desafiou toda uma sociedade que tinha em sua cultura a ideia de que “em briga de marido e mulher não se mete a colher” e envolveu até entidades internacionais em um drama de casal. Atualmente, o livro de Maria da Penha, aonde ela conta sua história vem transformando as ações de combate a violência contra a mulher.



Chaya Pinkhasovna Lispector foi escritora, advogada, jornalista, tradutora, contista e cronista. Ela teve grande importância na literatura brasileira, pois em meio a uma época em que tendência era escrever sob uma perspectiva realista, regionalista e masculina, ela escreveu ignorando qualquer forma de prosa restrita e falou sobre assuntos feministas, dando conselho às mulheres sobre sua realidade e mencionando questões urbanas, íntimas e psicológicas. Ela é considerada uma das escritoras mais importantes do Brasil, além de traduzir livros que tornaram clássicos, ganhou diversos prêmios, como o Jabuti, em 1961 e em 1978 e a Ordem do Mérito Cultural, em 2011. Escreveu uma obra que sugere que as mulheres não precisavam seguir padrões ou regras estabelecidas pela sociedade e que elas podiam dar espaço aos seus sentimentos, e colocar o amor-próprio em primeiro lugar. Ela mostrou que livres de dominância masculina, as mulheres podem ser o que quiserem.

## CONCLUSÃO

É graças a essas mulheres e essas lutas que o movimento cresceu e incorporou a preocupação com o corpo da mulher e o uso que a sociedade, os homens e ela mesma fazem deste corpo, pois é notória a quantidade de conquistas que essas mulheres conseguiram por todas as mulheres, bem como a influência que elas tiveram para que mais mulheres se levantassem e fossem a luta pelos seus direitos e pelos seus espaços.

Mas essa luta ainda não está nem perto do fim. Atualmente, as principais reivindicações do movimento feminista no Brasil são pela erradicação da violência doméstica, por uma maior representatividade política, direito ao parto natural, o direito de amamentar em lugares públicos, pela legalização do aborto, e pelo fim de uma cultura onde a mulher fique em uma posição submissa ao homem. O feminismo como um movimento filosófico, social e político ainda tem muito a nos dizer e cabe a nós como sociedade ouvir suas reivindicações buscando alia-las as demais demandas sociais, tornando sua luta por igualdade e equidade uma busca de toda a sociedade.

## REFERÊNCIAS

- BARCELLA, Laura; LOPES, Fernanda. **Lute como uma Garota: 60 feministas que mudaram o mundo.** (2018). 1ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2018;
- BRASIL. Feminismo no Brasil, disponível em <https://googleweblight.com/i?u=https://www.todamatéria.com.br/feminismo-no-brasil/&hl=pt=BR>. Acesso em: 16 ago de 2018.
- BRASIL. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal. Lex: Lei do Femicídio.